ANO 8.º — Sexta-feira, 12 de Março de 1915 — NUMERO 361

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso $02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões.

ANÚNCIOS

Por linha. . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Abaixo a ditadura!

Não, sr. general Castro! V. Ex.ª que está afrontando uma nação inteira, escarnecendo das leis e calcando aos pés os principios que serviram de base á proclamação da Republica, não póde continuar a manter-se no poder. A sua estada á frente dos negocios publicos é um perigo e uma provocação. Um perigo porque representa uma burla a tal pacificação da familia portuguêsa, que só tem redundado em beneficio dos inimigos das instituições a quem V. Ex.ª escandalosamente protege e agasalha; uma provocação porque a atitude dubia de V. Ex.ª fére e revolta, infama e rebaixa. Vá-se, portanto, embora. Sáia. Desapareça. E ainda àssim tarde ou nunca se apagará a nodoa com que fica manchada a purêsa da Republica, tão salientes se teem afirmado as suas reconhecidas excentricidades.

Ao largo e para sempre. Reclama-o o socêgo do país, o prestigio do regimen, a honra e a dignidade do povo português.

Esperemos

Se, de mistura com o direito ao protésto, não existissem as responsabilidades das cousas; se no espirito de todos os culpados não ecoasse, como pancadas sinistras, a culpa esmagadora do que sucéde, todos quantos prepondéram e dirigem a politica nacional, no primeiro dia de ditadura, ter-se-iam levantado como um só homem e, sem calcular a força e o numero do inimigo, ofereceriam os seus peitos, defendendo com o seu corpo a soberania popular, a integridade da Constituição, o respeito á lei, lançando mão de todas as armas para combater o usurpador, desde as disposições que estão no Codigo até ás pedras que se tiram das calçadas.

Ter-se-iam erguido de pé, bem altos, bem livres de culpas, esquecendo tudo—os seus sofrimentos intimos; as suas dôres particulares; as proprias torturas do coração; ofensas ao seu amôr proprio—lembrando-se apenas e sentindo sómente a ferida aberta no codigo fundamental da Nação, a facada traiçoeira e repugante dada no respeito devido á Lei!

Mas todos quantos neste caso estariam, implicitamente se reconhecem amarrados ao acontecimento que resultou logicamente implacavel do louco desenfrear das suas paixões, do desordenado e tumultuario caminho que seguiram.

Contudo, se *para grandes males grandes remedios*, nós não vemos senão agravar grandes males com males ainda maiores.

Não vemos a justificar em todo este acto de ofensa e violencia, um facto sequer que possa ser tomado á conta de restabelecimento da Verdade, da Justiça e da Lei sofismadamente ludibriada por outros!

Sómente notâmos medidas e disposições que, ofendendo acintosamente membros dum determinado partido, implicam ainda distinções e provas de confiança a declarados e confessos inimigos do regimen.

Isto é um crime que encerra todos os crimes—a traição na concepção, o perjurio na execução, a mentira, a sofisma, a burla!

Como partes intrigantes deste mesmo crime aí temos a supressão da lei, a Constituição violada, o sequestro arbitrario, o divorcio da Nação, o enxovalho grosseiro aos representantes do País, como se eles fossem aqueles ignorantes filhos do Povo que a sorte atira para a caserna e aos quaes, não admitindo observações, se lhe grita ordens em voz sêca e sacudida!

Mas da grandeza do proprio escandalo, da miseria de toda esta obra, salpicada já, infelizmente, de sangue; do falso conceito e da errada suposição de que tudo isto prepara o triunfo do crime, com verdade, apenas resulta o seu aniquilamento, a queda fatal do ditador, impertinente e despotico, tropego e teimoso, que mais cêdo do que julga hade vêr-se impotente na presença da sua obra, que o isola dos homens, atirando-o para o vacuo creado pela indiferença dos seus proprios concidadãos e pelo despreso, até, do mundo civilisado!

Pois poderá subsistir um govêrno que cinica e mentirosamente chama aos maiores crimes—necessidades; ás embuscadas e violencias—defêsa da ordem; que rasga a Constituição; cérca o edificio das Côrtes e, á ponta de baioneta, impede a reunião do parlamento, praticando todos estes actos em nome da salvação publica? Não. E' absolutamente impossivel.

Esperemos. Dormir sobre este crime seria um crime maior.

Quando os usurpadores se julgarem mais firmes, mais solidamente identificados com os resultados de toda a sua obra nefanda, fiados e confiados na força, que só lhe foi prometida em palavras, retumbantes embora, mas que se não reproduz em factos—estejam cértos disso—no auge da sua obra de ruina e de desordem, o ditador, então, verá, palido e tremulo, caír-lhe das mãos o seu velho codigo da iniquidade. Quererá falar e a voz estrangular-se-lhe-á na garganta. E, vendo-se só, abandonará o seu logar, sendo tambem testemunha aterrada da Verdade que regressa, do Progresso que recomeça, da Justiça que volta, do Povo. que na sua marcha arrasta, transpõe, mistura, esmaga e afoga nas suas vagas indomaveis, como miseros trastes dum casebre, toda essa obra de odio, de despeito e de traição!

Foi em todos os tempos assim. A nuvem empana, por horas, a luz. Mas ela não se extingue! De subito, irrompe mais brilhante e mais viva, resplandecendo no horisonte a sua face de astro!...

E, como exclamou um grande poeta da França, nós apropriaremos-ao momento presente a sua frase imortal: *Para esta submersão imensa, para esta vitoria suprema da verdade sobre a mentira, da vida sobre a morte, que será preciso, que teremos de esperar?*

Um só dos teus olhares, ó Sol!

Um só dos teus raios, ó Liberdade!

Esperemos, pois.

O PÃO

—=(*)=—

Subiu extraordinariamente o preço do pão o que quer dizer que vamos de mal a peor quanto á carestia de tudo o que constitue a alimentação, cujo problema os govêrnos teem descurado, abandonando-o por completo quando se não dá o caso de lhe bulirem para o agravar ainda mais.

Mas uma pergunta nos ocorre fazer: não abrangendo o decreto que estabeleceu a subida no preço das farinhas senão e exclusivamente as cidades de Lisboa e Porto, como se entende que em Aveiro e noutras terras da provincia o pão tambem encarecesse? Não haveria, porventura, quer da parte dos proprietarios de padaria, quer por banda das autoridades de Fazenda um mal entendido, uma precipitação, filiada, quanto aos primeiros, no aumento do preço do pão e quanto a estas nos serviços, intimações e coisas várias para fiscalisação da existencia de farinhas no concelho quando tudo isso cáe em face do decreto que, como dito fica, não atinge a provincia e portanto aqui não deve ter execução?

E' o que resta saber. Se pela doutrina estabelecida no decreto este tem exclusiva aplicação em Lisboa e no Porto, onde, está bem de vêr, havia de determinar a maior carestia de farinha, conclue-se que nós não temos nada com o que vai nessas duas cidades e por isso nenhuma razão subsiste para que os donos das padarias nos exijam mais dinheiro.

Nada. E' preciso que tudo se exclareça quanto antes porque o povo não póde já aguentar com a carga, que é demasiadamente pezada para quem tão sobrecarregado já se encontra.

* * *

Estas linhas escritas e chega-nos o informe de que tambem as padeiras do Vale de Ilhavo aumentaram o preço do pão, expondo-o á venda no mercado por mais 1/2 centavo.

Não póde ser.

Contra este abuso inqualificavel, contra esta exploração tôrpe, que se está fazendo á bolsa do povo, protestâmos desde já, chamando a atenção da respectiva autoridade para que coíbidso sejam, sem perda de tempo, os desmandos que aí se estão cometendo sem haver nada que os justifique a não ser o interesse sordido, a suprêma ganancia.

Povo! A'lérta contra os exploradores!

A repulsa

—=*=—

Seguindo o alevantado, nobre e digno exemplo dos tenente Boto Machado e João Chagas, revolucionarios de 31 de Janeiro, que ha pouco se pronunciaram contra a ditadura do general Castro, demitindo-se, o primeiro, de oficial do exercito e governador de S. Tomé e Principe e o segundo de ministro de Portugal junto da Republica Francêsa, o tenente de cavalaria Oscar Monteiro Torres acaba de dirigir tambem ao sr. Ministro da Guerra o requerimento que segue:

Ex.mo Sr. Ministro da Guerra

Oscar Monteiro Torres, tenente de cavalaria, tendo tido conhecimento pelo Diario do Governo *de 24 do corrente de que o atual govêrno do seu país houve por bem constituir-se em ditadura e tendo o requerente, como oficial do exercito, jurado pela sua honra cumprir e fazer cumprir a Constituição Politica da Republica Portuguêsa, que, pelo seu espirito, não admite uma ditadura, e não podendo portanto cumprir o seu juramento, requer a v. ex.ª a sua demissão do exercito português.*

Lisboa, 27 de fevereiro de 1915.

Oscar Monteiro Torres
Tenente de cavalaria, E. D.

Bem sabemos que isto é nada para o ministério que tem por missão especial *estabelecer a paz e a concordia em toda a familia portuguêsa...* No entretanto nós, a nação é que lhe cumpre avaliar quem se acha a dentro dos principios genuinamente republicanos para que de futuro não possam surgir duvidas ácêrca do procedimento duns e de outros.

O **Democrata** *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

POLITICA DE AVEIRO

—=*=—

Por virtude de tricas que surgiram logo no começo do seu consulado administrativo, deixou o govêrno civil dêste distrito onde apenas esteve por espaço de 23 dias, o sr. Nobre da Veiga a quem o evolucionismo local fez um cêrco de tal maneira apertado que dificilmente lográmos conhece-lo... de vista.

Para substituir sua ex.ª veio e tomou posse na quarta-feira, o sr. dr. Barata do Amaral, juiz de direito em Alcobaça e bastante relacionado na visinha comarca de Vagos onde exerceu identicas funções.

Pouco concorrido o acto, a que não assistimos, soubémos, contudo, que o novo magistrado prometeu fazer uma politica de conciliação, sem agravos para ninguem, o que de certa maneira condiz com o programa do sr. general Castro, que no poder se encontra especialmente *para estabelecer a paz e concordia na familia portuguêsa...*

Hoje é o terceiro dia em que deve comparecer no seu gabinête, correndo o boato, não sabemos se com fundamento se sem éle, de que será escolhido para o substituir nos seus impedimentos o padre Fernandes.

Ficamos na espectativa.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

Tudo póde ser

—=(*)=—

O *Seculo*, de domingo, na sua secção—*Informações*—escreve:

Diz-se que para o logar de contador, que exercia o deputado Henrique Cardoso, vai ser nomeado o sr. Conde de Agueda.

E' uma noticia sensacional, esta, que nem por assim ser nos deixou perplexos, tão convencidos já estamos de que neste país, com esta gente e com tal republica, tudo é possivel, tudo póde ser.

Mas uma coisa, no meio de tamanho descalabro, nos ocorre perguntar: será o *fidalgo* capaz de aceitar esse emprego depois de ter renegado as suas afirmações republicanas posteriores ao 5 de Outubro para de novo se dizer monarquico e nessa qualidade injuriar, difamar, conspirar contra a Republica?

Tudo póde ser.

A menos que dum momento para o outro surja uma nova revolução que limpe o ambiente e purifique o ar viciado que por toda a parte se respira, mercê da ignobil traição com que pretendem entregar-nos ao inimigo.

Veja, o sr. general Castro, para onde nos encaminha...

O FUNERAL DE HENRIQUE CARDOSO

Como era de esperar, revestiu desusada impunencia a ultima homenagem prestada no Porto ao saudoso deputado Henrique Cardoso, vitima dos sicarios a soldo de cértos elementos adversos ao partido democratico, encorporando-se no prestito funebre, que acompanhou os restos mortaes do extinto ao Prado do Repouso, tudo quanto ha de mais distinto e seléto na capital do norte.

Computa-se em 50:000 o numero das pessoas de todas as classes que tomaram parte no lugubre cortejo, sendo todos os jornaes unanimes em afirmar que depois do de Rodrigues de Freitas nenhum outro se lhe egualou, nem sequer por semelhança.

Foram depositadas bastantes corôas, algumas de subido valor, discursando á beira da sepultura, além doutros, os srs. dr. Manuel Monteiro, presidente da câmara dos deputados; dr. Afonso Costa, pelo Directorio do Partido Republicano Português; dr. Alexandre Braga, pelos seus colégas do grupo parlamentar democratico; dr. Bernardo Lucas e dr. Pereira Osorio, que em nome da familia do pranteado morto, agradeceu todas as homenagens que lhe foram prestadas.

O representante do Directorio, sr. dr. Afonso Costa, terminou assim a sua eloquentissima oração:

O Porto é a cidade invicta. Invicta em quê? Invicta na defêsa das liberdades. Nunca ele, desde as brumas da Historia, se bateu por outro ideal; esquecia até os interesses materiaes. Aqui se firmou a nossa nacionalidade. Aqui encontramos sempre os mais belos exemplos de fé, as mais admiraveis lições de dedicação, que nos dão alento nas horas de mais dura luta e de acerba dôr.

Repouso! Cidade dos martires de 31 de Janeiro!

Quantas energias, quanta força politica não se desprende do teu chão! Quanta forga temos vinde aqui buscar nestes quatro anos de Republica, recordando o exemplo dos herois que tombaram nas ruas do Porto, batendo-se por um ideal de progresso em que sentiam a redenção da Patria! Aqui póde ficar tranquilo o martir da primeira e ultima ditadura da Republica, cuja vida foi ceifada em plena florescencia.

Nesta hora sagrada em que não se póde mentir, juremos que havemos de resistir á ditadura, que desaparecerá em breve do solo português.

Povo do Porto: não tens o direito de descançar enquanto durar a torva ditadura do general Castro, enquanto não te restituirem, imaculada, a Republica! Cumpre o dever que esta hora te impõe! E assim dormirão em paz os teus martires, ao lado do nosso querido companheiro Henrique Cardoso!

CINÊMA

Em beneficio da Companhia de Salvação Publica Guilherme Gomes Fernandes, que tem sido incançavel na obtenção de recursos para honrosamente cumprir a missão que se impoz, realizam-se ámanhã duas sessões cinematograficas no Teatro Aveirense, constando-nos que poucos bilhetes já restam por passar.

Assiste a banda José Estevam.

O bando precatorio da academia

Rendeu 88$554 o bando precatorio levado a efeito no dia 4 do corrente pelos estudantes do nosso liceu com o humanitario fim de juntarem o seu produto a outras dádivas para os feridos portuguêses da guerra em Africa, recebendo ainda a comissão, composta das academicas D. Rita da Conceição Ferreira, D. Arminda Chaves Maia, D. Alda Barbosa Mesquita, D. Maria Isabel Matos, D. Eduarda Miranda, D. Angelina Ferrer, D. Branca de Carvalho e dos seus companheiros Licinio Souto, Amilcar Castanheira, Carlos Costa, Guilherme Lopes e Miguel Santiago, um lindo almofadão pintado, oferta do sr.ª D. Maria Regina de Barros Miranda, um pano para o mesmo, da sr.ª D. Maria da Conceição Ferreira de Lima e Souza, outro almofadão, tambem pintado, de *miss* Gordon e um cestinho de rafia do sr. Hersilio Lobo, objectos que estão expostos na montra do estabelecimento de modas *A Elegante*, na rua de José Estevam e serão vendidos depois a quem por eles mais dér.

A musica que acompanhou o bando foi paga por subscrição entre os promotores, recebendo os musicos apenas o equivalente ao tempo que deixáram de trabalhar nas oficinas onde quasi todos se empregam. E como a ideia é de todo o ponto digna dos maiores encomios pelo acto de benemerencia que representa, a todos, executores e auxiliares, cabe distinguir, o que fazemos conscios do dever que a nossa obrigação de cronistas impõe.

Congresso republicano

O Directorio do Partido Republicano Português resolveu convocar para depois de ámanhã um congresso extraordinario em que tomarão sómente parte individuos filiados nesse partido que para isso se achem munidos da competente credencial.

E' em Lisboa, começando a primeira sessão ás 9 horas em local ainda não designado, mas que o deverá ser dentro em pouco.

O primeiro rombo

Está desarranjada a barca ministerial.

O titular da pasta das Finanças, capitão Herculano Galhardo, não se conformando, ao que parece, com a obra ditatorial dos seus colégas, inspirados politicamente, segundo corre tambem, pelo sr. Guilherme Moreira, intimo amigo, se não é mais alguma coisa, do conde de Agueda, instou e conseguiu, após considerações que muito o honram, a exoneração do dificil cargo que vinha desempenhando, pois no momento atual em que estão pendentes gravissimas questões era sua opinião dever formar-se para defêsa dos altos interesses da Patria, um govêrno de concentração nacional, apoiado sem restrições por todos os partidos, sem o que Portugal nenhum passo poderá ensaiar para á frentre.

A atitude do sr. Galhardo tem sido favoravelmente comentada por todos os verdadeiros patriotas, correndo com a maior insistencia que nem quanta estôpa existe nos grandes depositos chegará para calafetar o rombo da barca em que navega o sr. general Castro.

Ele, porém, ainda tem esperanças...

Deus super omnia...

Novo administrador

Antes de saír, o sr. governador civil Nobre da Veiga, nomeou administrador do concelho e comissario de policia, interino, o sr. Manuel Calvet de Magalhães, atendendo assim ás reiteradas instancias feitas pelo nosso amigo Filinto Feio, como republicano filiado no partido democratico, que não desejava estar por mais tempo á frente daqueles logares.

Claro que a substituição do sr. Feio vai dar motivo a mais uma parelha de coices dos *correligionarios* da Vera-Cruz. Isso, porém, não o privará da consideração em que é tido por toda a gente de caracter e nessa conjectura o felicitámos por ter abandonado o posto que honradamente exercia só quando á sua consciencia repugnava colaborar com um govêrno absolutamente fóra de todas as regras constitucionaes.

E deixa-los fala-los que os brutos calarão-se-ão, já dizia o outro.

O nosso aniversario

Inumeros teem sido os bilhetes e cartas com que amigos de sempre nos teem distinguido a proposito do aniversario do *Democrata*, confundindo-nos alguns com exageradas amabilidades, que muito nos sensibilisam, não só pela proveniencia, mas tambem pelo cunho de solidariedade que encerram, não nos podendo esquecer essas manifestações, tão significativas as achamos no atual momento.

Dos colegas da imprensa, muitos se referem tambem ao nosso aniversario com estremada gentilêsa, acompanhando as suas noticias com palavras de bôa e leal camaradagem, que egualmente agradecemos, envolvendo no mesmo amplexo os que ao *Democrata* continuam a dar provas cabaes do seu nunca desmentido e generoso apoio.

Destes destacam-se os seguintes a quem vivamente agradecemos as suas amabilidades:

De *O Domingo*, de Aldegalega:

"O Democrata,,

Este nosso presado colega de Aveiro, denodado semanário republicano radical de que é director e editor o velho republicano, sr. Arnaldo Ribeiro, acaba de entrar no seu 8.º ano de publicação, pelo que lhe enviâmos muitas felicitações desejando-lhe conte muitos mais com inúmeras prosperidades.

Do *Imparcial*, de Pombal:

"O Democrata,,

Com o n.º 359 entrou no 8.º ano de publicação este nosso presado colega de Aveiro, por cujo motivo o felicitâmos e fazemos votos pelas suas prosperidades.

De *O Combate*, da Guarda:

Aniversários jornalisticos

Mais um ano de vida contam os nossos colégas *O Democrata*, de Aveiro e *O Desforço*, de Fafe.

Ambos dos mais valorosos defensores da Republica, para a implantação da qual contribuiram com o seu esforço, ambos continuam no seu posto, vigilantes e destemidos, tanto mais que eles vêem a Republica ameaçada de um assalto mais poderoso e mais infame do que todos os que já sofreu.

Aos presados colégas os nossos cumprimentos.

De *A Patria*, de Ovar:

"O Democrata,,

Entrou no 8.º ano da sua publicação este nosso valente colega aveirense, que atravez de muitos sacrificios tem caminhado inalteravel no campo dos principios, combatendo com energia os videirinhos que, com os mesmos vicios da monarquia, se encostaram á arvore da Republica.

Saudâmos o estimado confráde, desejando-lhe as melhores prosperidades.

De *O Povo de Basto*, de Celorico de Basto:

O *Democrata*, de Aveiro, onde se afirma o talento jornalistico do nosso presado amigo sr. Arnaldo Ribeiro, completou sete anos de existencia. E lá segue galhardamente o seu caminho, republicano sem mescla, de uma integridade não desmentida, sem vacilações nem atitudes dúbias, arrostando placidamente os ódios e perseguições.

Muito nos congratulamos por mais esse aniversário do *Democrata*, abraçando o seu director.

Da *Democracia do Sul*, de Montemór-o-Novo:

"O Democrata,,

Passou mais um aniversário dêste nosso colega de Aveiro, intemerato campeão que á Republica deu sempre o melhor do seu esforço, defendendo com entranhado amor os principios democraticos.

Saudámo-lo efusivamente, desejando-lhe longos anos de vida prospera.

Do *Cinco de Outubro*, da Regua:

"O Democrata,,

Tambem este nosso ilustre coléga aveirense, uma das mais populares e mais apreciadas folhas provincianas do país, iniciou ultimamente um novo ano de vida. Daqui lhe enviâmos, muito cordealmente, os nossos parabens.

Do *Desforço*, de Fafe:

"O Democrata,,

Este bem redigido semanário radical, de Aveiro, tão distinctamente dirigido pelo nosso velho correligionario e amigo sr. Arnaldo Ribeiro, completou 7 anos de existencia, pelo que lhe enviâmos as nossas saudações.

Do *Jornal de Alemquer*:

Aniversário

Entrou no oitavo ano da sua publicação o *Democrata*, nosso presado coléga que se publica em Aveiro, sob a direcção do sr. Arnaldo Ribeiro.

Bem redigido semanário, valente defensor das ideias republicanas, segue intrepidamente o seu caminho, ocupando um logar de destaque na imprensa provinciana.

As nossas felicitações e sincéros desejos de que continue por largos anos na sua árdua mas brilhante missão.

Do *Povo de Agueda*:

"O Democrata,,

Arnaldo Ribeiro, o velho patriota e republicano sincéro, deve ter sentido o coração pulsar-lhe de alegria ao vêr completo mais um ano de existencia do seu *Democrata* em que tem posto todo o seu trabalho. Combatendo sempre lealmente em prol duma republica sã e honesta, apontando aos politicos, a todos sem excepção, os seus erros ao mesmo tempo que lhes pede coragem e ponderação, Arnaldo Ribeiro, fez do seu jornal um dos jornaes mais lidos do districto.

E' que *O Democrata*, tem sabido manter-se numa linha de conducta nobre e impecavel, apezar de tudo.

Talvez alguem estranhe estas nossas palavras visto que militamos em partidos contrarios, em campos diametralmente opostos e com quem nunca quizémos ter ligações.

E' que o *Povo de Agueda*, habituado como está a fazer justiça a todos, não póde deixar de faze-la mais uma vez a *O Democrata*, ao felicita-lo pelo seu aniversário.

Academia de Coimbra

Exultou Aveiro no sabado e domingo com a presença da mocidade estudiosa de Coimbra que, em alegre bando, veio de visita a esta terra onde perduram as mais latas tradições de hospitalidade e cortezia.

Com efeito, não só na estação do caminho de ferro, onde se juntou compacta multidão de envolta com os estudantes do liceu para saudarem os recemchegados, como nas ruas do percurso até ao Largo da Republica, o carinho e o entusiasmo que os aveirenses manifestavam á passagem da tuna, espargindo petalas de flores e ramos de violetas sobre os executantes, deu-nos bem a impressão de que a academia de Coimbra será sempre aqui recebida com geral agrado visto as simpatias com que vem sendo acolhida de longa data entre o bom e generoso povo aveirense. Pelo menos vimos agora confirmada mais uma vez essa nossa presunção, agradando-nos tambem sobre-maneira a gentilêsa dos rapazes para os habitantes de Aveiro que não poude ser nem mais cativante, nem mais comunicativa e avassaladora.

Como prenoticiámos, na noite de sabado efectuou-se o sarau, vendo-se completamente cheio o teatro em que teve logar. Nem um canto só ficou vago. Tudo se tomou.

Foi magistral o discurso de apresentação do Orfeon pelo vice-reitor da Universidade, sr. dr. Alberto Reis, a quem a assistencia dispensou calorosos aplausos, sob todos os pontos de vista merecidos. Depois deu-se execução ao resto do programa, colhendo tantas ovações tanto o Orfeon como a tuna, o primeiro sob a direcção de Elias de Aguiar e esta regida por Antonio Maria Cardoso, dois distintos amadores que se salientam por uma correcção invulgar dirigindo a parte musical a seu cargo.

Cezar Torres recitou, com muito chiste, duas poesias, que despertaram a maior hilariedade no auditorio e Joaquim Fontes e Menano deliciaram-nos com alguns fados, provocando tambem francos aplausos. Dos camarotes eram a cada posso atirados ramos de flores, que os rapazes agradeciam com vivas á academia e ás damas de Aveiro, seguindo o espectaculo sempre no meio de calorosas saudações, que redobraram de intensidade quando pela academica Isabel Ferreira foi oferecida uma fita para a bandeira da tuna em nome dos seus colégas do liceu desta cidade. Nessa ocasião caíu sobre os simpaticos estudantes conimbricenses uma verdadeira chuva de flores enquanto os espectadores da plateia, em prolungadas salvas de palmas, se associavam ás vibrantes aclamações dos moços academicos.

E assim foi dada por finda a festa dessa noite para no dia seguinte continuar, atendendo a que desde alta manhã Aveiro tomou um aspecto desusado de animação que lhe imprimiram os 300 academicos, que pela cidade se espalharam, gosando o formosissimo dia com que a Naturêsa quiz marcar a passagem pela terra dos ovos moles, dos seus amaveis visitantes, filhos de Minerva.

A *matinée* esteve tambem assaz concorrida, falando o dr. Melo Freitas, nosso ilustre conterraneo, percorrendo depois em carros e automoveis, os rapazes, alguns pontos da cidade em constantes saudações, a que muitas familias correspondiam atirando-lhes ramos de violêtas e obsequiando-os consoante as suas posses.

Antes da partida ainda foram organisadas várias serenatas, que andaram por diferentes ruas até ás 21 horas, indo em seguida ao comboio correio despedirem-se da rapaziada bastantes aveirenses como ultima manifestação de simpatia e reconhecimento pela honrosa visita que se dignou fazer-lhe a Universidade de Coimbra, tão nobremente representada pelo seu vice-reitor e alunos.

Teatro Aveirense

A Virgem Louca
4 actos—de Henri Bataile

«Audacioso a mais não poder sel-o, o autor da *Vierge Folie* é, incontestavelmente, um dos maiores, se não o maior dos dramaturgos francêses da atualidade.

As suas peças, verdadeiras vergastadas, tem o condão de emocionar o publico que as ouve, e é tal a intensidade dramatica que nélas emprega, tem uma maneira tão sua de movimentar as suas personagens, que o espectador, arripiado ás vezes das suas audacias, sae sempre satisfeito do teatro, onde sentiu o *frisson* das comoções fortes.

Todo o drama é magistralmente feito; todas as scenas primorosamente estudadas. E porque assim é, eis a razão do sucesso alcançado por esta obra magistral.

A companhia do Nacional póde ufanar-se de ter na *Virgem Louca* um dos seus melhores trabalhos. Palmira Torres, a quem coube o principal papel, se não tivésse já os seus créditos firmados, bastaria a fórma brilhante como o desempenha, para ser classificada a primeira entre as primeiras das nossas actrizes.»

Esta apreciação, que ha dias lêmos no nosso colega *A Montanha*, é por si só suficiente para que os nossos leitores tenham o mais justificado empenho em vêr a grande obra de Bataile, que Maximo Junior nos dá no proximo dia 26.

Em 25, subirá á scena a finissima comedia *Amor á antiga*, original do dr. Augusto de Castro.

A assinatura continua aberta na Tabacaria Reis, estando bastante adiantada.

PELA IMPRENSA

Completou 22 anos duma vida honesta e laboriosa, o nosso coléga *O Desforço*, dirigido pelo velho e intransigente republicano Artur Pinto Basto.

Ao presado confráde, que é um dos mais antigos lutadores do norte, pois se publica em Fafe, aqui deixamos exarados os nossos cumprimentos, que são um dever a que de fórma alguma podiamos faltar.

=Os estudantes désta cidade publicáram um numero unico comemorativo do 55.º aniversário do liceu, excelentemente colaborado por professores e alunos.

Bem fizeram, para que déssa primeira comemoração alguma coisa fique, recordando-a.

Notas mundanas

Faz hoje 4 anos o filhinho do nosso querido amigo e conterraneo Francisco Vieira da Costa, de nome Vasco.

Para Loanda, onde se encontra com toda a sua familia, vão, pois, os nossos parabens sincéros, como sincéra é a amizade que desde a infancia nos liga ao honrado aveirense.

=Tambem ámanhã passa o aniversário do sr. Inacio Cunha, abastado capitalista, a quem felicitâmos.

=De Gandaras de Carvide regressou a Santiago de Cacem, o sr. José Domingues Guerra.

=Partiu ontem para Lisboa o primeiro sargento da Armada, sr. José Rodrigues de Freitas.

=Esteve nésta cidade o sr. Serafim Pinto dos Santos, viajante da casa Rodrigues Pinho, de Vila Nova de Gaia.

=Tambem aqui vimos os srs. Manuel Martins Capitão-mór, da Palhaça; Agostinho de Almeida, da Povoa do Forno; Manuel Rodrigues Aires, de Cacia; Isaias Vide, de Macieira de Cambra; Manuel Francisco Braz, da Povoa do Valado e Sebastião Pereira de Figueiredo, de Eixo.

=Consorciou-se com o sr. Jeremias dos Santos Moreira, a menina Conceição Ferreira Ramos, simpatica tricaninha, irmã do sr. José Nunes Ferreira Ramos.

Desejamos aos nobentes as maiores venturas.

A mi-carême

Decorreu animado o espectaculo promovido pela direcção do *Club dos Galitos* na noite de quarta-feira e no qual tivéram papeis de destaque a nossa gentil patricia, Rosita Matos, e os amadores Manuel Maria Moreira, Aurelio Costa e José de Pinho, que foram muito aplaudidos.

Nos intervalos jogou-se a serpentina, retirando os espectadores satisfeitos com a lembrança dos *Galitos*, que até o mestre Venancio mandaram vir, acompanhado do instrumental, para anunciar a *serração da velha*.

Completo.

"O POVO,,

Por não ter podido saír no dia 8 é definitivamente na segunda-feira, que este nosso presado colega de Lisboa, colaborado pelos mais distintos jornalistas e homens de letras do nosso país, encetará a sua publicação noturna.

O Povo publicará a 2.ª parte da *Historia do Partido Republicano*, apreciação imparcial dos factos decorridos desde a revolução do Porto, até á implantação da Republica.

O 31 de Janeiro, a acção dos propagandistas, a ditadura franquista, o regicidio, e a quéda da monarquia, são capitulos dum interesse palpitante, que recomendamos aos nossos leitores.

A vida das provincias, até hoje completamente esquecida, merecerá de *O Povo* particular atenção, para o que aceita correspondentes e agentes nas terras onde ainda os não tenha.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a R. Luz Soriano n.º 48, onde aquele nosso colega tem instalados os seus escritorios.

As andorinhas

Chegaram as alegres mensageiras da primavera, percursoras do tempo quente que se aproxima e de que já tivémos a amostra nos ultimos dias.

Oxalá élas se não arrependam da viagem, sinal de que o inverno não está passado.

A situação politica

—=(*)=—

Uma proclamação ao país

A comissão parlamentar de defêsa da Republica e da Constituição, nomeada na sessão do Congresso, em 4 do corrente, para, num sentido conciliador, obstar á pratica de actos anormaes como aquêles a que o país vem assistindo, resolveu espalhar a seguinte proclamação, devidamente impressa:

O Congresso da Republica, impedido arbitrariamente de se reunir no dia 4 de março, na sua séde de S. Bento, celebrou, como de direito, a sessão extraordinaria dêsse dia no palacio da Mitra, de Santo Antão do Tojal, arredores de Lisboa, onde foi aprovada por unanimidade, embora com a expressa espectativa de que todas as responsabilidades da atual ditadura venham a recair exclusivamente sobre o govêrno, resalvando se assim a honra do chefe do Estado, que o proprio parlamento elegeu para ser o fiel depositario supremo da sua vontade, a seguinte moção:

(Segue a moção do sr. dr. Afonso Costa, já publicada no numero anterior do Democrata.*)*

Inteiramente alheios ás divisões e contendas partidarias e aceitando, néssa conformidade, a fraternisadora missão, que pelo Congresso, na mesma sessão, nos foi confiadamente incumbida, de reunir em volta do seu pundonoroso protesto o consenso geral dos parlamentares e da familia republicana, vimos, antes de mais nada, proclamar ao país e ao estrangeiro que, atravez de todos os vãos atentados com que se intente menoscabar e poluir a altivez dos nossos brios de povo livre, impertérrito defensor das suas nobilissimas prerogativas, o poder legislativo mantem-se entre nós indefectivelmente sob a Republica, como cumpre ao seu prestigio, sem que a ninguem já hoje seja possivel, de fóra ou de dentro das instituições, abala-los profundamente, humilhando-nos e abatendo-nos por culpa das nossas lastimaveis dissidencias intestinas. Se o arbitrio do poder executivo conseguisse suspender, um dia só que fosse, o parlamento, havia de imaginar-se que corriamos o risco dêle o abolir para sempre. Não lhe tolerámos o assomo usurpador.

Não é nosso intuito provocar o minimo conflito subversivo; pelo contrario, pretendemos restabelecer, pelo inviolavel respeito da lei, o apaziguamento da sociedade portugueza, agora ainda mais ameaçada pelo desmando governativo. Tão pouco somos partidarios, repetimos, senão da Republica. Não reivindicamos, pois, senão os seus principios e direitos constitucionaes, que devem ficar sempre intangiveis, acima dos lemas divisorios dos agrupamentos.

A comissão nomeada pelo Congresso—*Dr. Bernardino Machado, Magalhães Líma, José de Castro, Caetano Gonçalves e Pereira Vitorino.*

Diz-se que a mesma comissão assentou em convocar um comicio, na capital, em que espera que se congregue, com o mesmo fervor doutros tempos, a grande familia republicana, esquecida de dissenções partidarias e apenas desejosa de que o prestigio das instituições não seja empanado pelos abusos do poder.

Ah! Que se alguem conseguisse efectivamente chamar a um acordo comum em beneficio da Patria esses que déla tanto teem escarnecido, apunhalando-a...

Centro Escolar Republicano Democratico de Angeja

—=—

Delegacía em Lisboa

Realisou-se no dia 7 do corrente no Centro Escolar dr. Afonso Costa, em Arroios, a assembleia geral da Delegacía em Lisboa deste centro para aprovação e discussão do Relatorio e Contas, e nomeação dos novos corpos gerentes para 1915, estando presentes grande numero de socios.

Composta a meza por o presidente, Manuel Marques Oliveira, secretariado por Eduardo de Oliveira Ferreira dos Santos e José Ferreira Souto, abriu a sessão ás 15 horas, sendo feita a leitura da acta anterior, que foi aprovada, passando-se á leitura e discussão do Relatorio e Contas, que foi aprovado tambem. Em seguida a direcção poz á votação a lista dos novos corpos gerentes, que deu o seguite resultado:

Direcção

Presidente, Abel da Silva Maia; *1.º secretario*, Eduardo de Oliveira Ferreira dos Santos; 2.º, João Rodrigues Miranda e *tesoureiro*, Jão Dias Gorjão.

Vogaes, efectivo, João Ferreira da Silva; *suplentes*, José da Silva Pinho e Antonio Pereira.

Assembleia Geral

Presidente, Manuel Nogueira Trindade; *1.º secretario*, Fernando Nogueira Trindade; 2.º Manuel Esteves de Almeida Pinho.

Conselho Fiscal

Efectivos, Francisco das Neves, Antonio da Silva e Manuel Marques da Silva; *suplentes*, Tomé Marques da Silva e João Esteves dos Santos.

Usaram da palavra vários socios, que fizéram a apologio do bom andamento do Centro, sendo lançados na acta um voto de protésto contra o infame atentado no Porto ao dr. Afonso Costa, e outro contra o assassinato do deputado Henrique Cardoso.

Egualmente ficou exarado na acta um voto de louvor á direcção transata.

Foi nomeado para representar o Centro e a Delegacía, depois de ámanhã, no Congresso do Partido Republicano Português, que reune em Lisboa, o consocio, Eduardo de Oliveira Ferreira dos Santos.

O GAZ

Por virtude da falta de carvão, que cada vez se acentua mais no nosso país, começa de hoje em diante a ser reduzida a iluminação publica da cidade á maneira do que sucéde noutras terras iluminadas a gaz.

A Câmara assim o resolveu ontem de acordo com a Companhia.

Folheto

O advogado sr. João Ferreira Gomes publicou, em folheto, as alegações finaes dos embargos a uma acção executiva por fóros, oferecendo-nos um exemplar.

Agradecemos.

A FESTA DA ARVORE

—=(*)=—

Centenares de creanças solenisaram no domingo, entre hinos e canticos alegres, saídos entusiasticamente dos seus corações jovenis, a festa da Arvore.

O dia, um verdadeiro dia de primavera, de sol rutilante, ameno, não podia conservar-se melhor. Surgiu como que de encomenda para arreliar os *carolas* e assim a festa iniciou-se com a presrnça das creanças das escolas primárias tanto das duas freguezias da cidade como dos logares da Quinta do Gato, Vilar e S. Bernardo, acompanhadas do professorado, que é composto das sr.as Donas Rosa Gamélas, Norbinda Mélo, La-Salete Maia, Carlota Vieira, Emilia Larangeira, Ana Rosa Branco, Carolina Patoilo, Otilia Lemos, Maria de Mélo e Costa, Arminda de Pinho das Neves, Ernestina Rocha Pereira, Eduarda Moreira, Berta Reinol e dos srs. Alberto Casimiro, Antonio Coelho, Luiz Rocha, Antonio Pepino, José Moreira e Alexandre Vieira, organisando-se um extenso cortejo no qual tambem tomam parte os alunos do conceituadissimo Colégio de Nossa Senhora da Conceição, as duas secções do Asilo-Escola, com a respectiva banda de musica, deputações dos bombeiros, banda regimental e grande quantidade de povo, que assiste, com visivel interesse, ao planteio das arvores nos locaes para esse fim destinados.

O cortejo percorreu, sempre na melhor ordem, várias ruas da cidade, cantando as creanças em todo o percurso hinos adquados, como a *Sementeira*, hino das Escolas, etc., etc., até que foi terminar no vasto campo do Rocio onde se efectuou um *lunch*, que as creanças comeram no meio de indiscritivel entusiasmo.

Os estudantes de Coimbra que, como noutro logar dizemos, aqui vieram no domingo, saudaram as creanças em diferentes pontos, correspondendo estas com vivas á academia e á Universidade, á Patria e á Republica.

Ao fim da tarde foi-lhes oferecida uma sessão cinematografica no Teatro Aveirense, na fórma dos anos anteriores, e que a petisada apreciou expandindo-se com aquéla jovialidade propria dos seus verdes anos.

Ao *Democrata* foram enviadas as sobras do *lunch* para distribuir pelos pobres, grata missão, que agradecemos, enviando a todos quantos contribuiram para o lusimento da patriotica *festa da Arvore* as nossas felicitações pela fórma como foi levada a efeito.

Do Porto

—=(*)=—

Em 10

Henrique Cardoso

Ha muito já que não assisto a uma manifestação tão imponente como a que na sexta-feira passada se realizou aqui—protesto soléne contra o atentado de que foi vitima o desventurado Henrique Cardoso.

Como representante do *Democrata* e como republicano democratico acompanhei no seio da multidão imensa que lhe prestava a ultima homenagem, o extinto e valoroso republicano, á sua ultima morada. Tudo o que possa dizerse déssa ultima despedida ao lutador incansavel, ao propagandista entusiasta pelo ideal republicano, ao defensor inquebrantavel désta Republica para que êle, como poucos, trabalhou, ficaria sempre muito áquem da verdade e dificilmente poderia dar aos leitores deste jornal uma palida idéia do que foi éssa imponente demonstração de sentimento pela perda do caudilho insubstituivel, e de repulsa pelo vilissimo atentado.

A morte de Henrique Cardoso, constituiu uma perda grande para o partido democratico que lhe deveu importantissimos serviços e que nêle contava um dos seus mais seguros esteios.

Sempre perseguido nos tempos da oposição, sempre depreciado nos seus meritos e valor, Henrique Cardoso atravessou épocas calamitosas de desalento e de sofrimento, que só a esperança na Republica lhe minorava.

Lutou pela existencia como lutou pela Republica, reanimando-se nésta dos desfalecimentos da outra.

Deposta a monarquia, Santos Cardoso, foi chamado ao logar de destaque a que lhe davam direito os seus serviços á causa e a sua inquebrantavel fé republicana.

Elemento combativo de largo valor, era êle um dos mais temidos pelos inimigos do regimen e portanto um dos que contavam maiores odios dos seus adversarios politicos.

Esse odio era duplamente alimentado porque a Henrique Cardoso não o perdoava tambem ser filho do Santos Cardoso do 31 de Janeiro.

Conheci Henrique Cardoso ainda aluno do Instituto do Porto, aí lhe encontrei já o seu esprito revolucionario, irreverente e de fogoso combatente e em meu poder conservo ainda um opusculo que por éssa ocasião publicou contra o dr. Agostinho de Sousa, lente de economia politica que o riscára ou reprovára.

Foi depois désta luta tremenda, que encetou ainda na juventude, e de que afinal conseguiu sair vencedor, que, quando tranquilamente usufruia o prazer da vitoria no remanso da familia que ha pouco constituira, que a bala traiçoeira dum covarde o fez tombar para sempre em pleno renovar de luta politica pela defêsa do seu ideal de sempre: a Republica.

Que descance em paz o malogrado republicano e que de alguma fórma o seu sacrificio concorra para a pacificação do acidentado periodo politico que atravessamos.

Humberto Beça

Dissolução de sociedade

Comunica-nos o sr. Manuel Rodrigues Aires, que, por escritura publica lavrada no cartorio Cunha, de Oliveira de Azemeis, dissolveu a sociedade que ali tinha com o sr. Manuel Dias Nobre, ficando todo o activo e passivo do estabelecimento de padaria a cargo deste.

Ao que parece o nosso amigo Aires tenciona retirar de novo para o Pará, onde já esteve e é muito estimado no seio da colonia portuguêsa.

SEMPRE RIDICULOS

A graça do *Flautas*, a pilheria do *Flautas*, as manifestações do *Flautas* são coisa que nunca se perdem porque tambem nunca deixam de estar em fóco.

Assim, quando no sabado se dirigiam á cidade, vindos do caminho de ferro, os estudantes de Coimbra, *Flautas*, da janela, atirava-lhes, sorridente, raminhos de violêtas, o que levou um dos rapazes do grupo a soltar um viva ás damas de Aveiro.

—Olha que não é dama, é cavalheiro, observam-lhe do lado.

—Não tem duvida. Seja o que fôr, é muito gentil...

Tableau.

* *
*

Outra:

Como se sabe, o ex-juiz da irmandade do Santissimo de Esgueira, ocupa hoje, por obra e graça do Elisio Feio, as cadeiras do municipio, desempenhando as funções de vice-presidente do Senado.

No sabado tambem, resolveu afastar-se da administração do concelho o nosso amigo Filinto Elisio, pelo que o serviço de administrador e comissario de policia tinha de passar para o presidente do Senado. Como quer, porém, que este se tivésse ausentado, logo o *vice* se deu pressa a encascar-se, indo direito ao teatro, onde se realisava o sarau dos estudantes, para a ele assistir oomo autoridade.

Esperava-o, todavia, a mais cruel das decepções. Apenas pediu a ordenança ao primeiro cabo que encontrou da corporação policial, a resposta não se fez esperar:

-Desculpe *vassoria* mas já temos patrão... a quem prestámos obediencia...

E assim era, de facto, perdendo o homem por um triz a ocasião de meter carradas de figura com a ordenança atraz...

Gomes Junior

CARTA DE ANADIA

—=(*)=—

Em 9

Apesar dos acontecimentos dos ultimos tempos, em que uma ditadura criminosa tentou desonrar o civismo do nosso povo, como se Portugal fosse Marrocos ou a Cafraria, o país, possuidor de um admiravel bom-senso, aguarda, calmo, o termo déssa aventura que tambem se póde chamar, com propriedade, uma lição. Lição para republicanos que aprenderam o quanto de mal teem feito ao regimen com as suas mutuas recriminações e o seu facciosismo politico, com as suas mutuas campanhas de descredito, fundadas quasi sempre em futilidades ou em méras fantasias para armar ao efeito, e lição para monarquicos porque pódem perder a esperança, duma vez para sempre e ficarem certos, que uma restauração é absolutamente impossivel, visto que o povo está republicanisado e o exercito—o ponto de interrogação para muitos—acaba de demonstrar que é pela R-publica.

Já que dissémos que os monarquicos pódem perder, para sempre, a esperança de restaurar a sua condenada monarquia, cabe aqui afirmar tambem que, enquanto durar esta geração que ha quatro anos e tal a viu baquear conjuntamente com os seus famulos, que são os mesmos de hoje, aonde estão verdadeiros exemplares de criminosos e parvos, a ideia monarquica, em Portugal, é lembrada com verdadeiro despreso.

E, como esquece-lo?

Esquecer o que foi a monarquia, menos por culpa sua, do que por culpa dos seus servidores, é impossivel, até para os analfabetos que conservam na mente os roubos, as violencias, as brutalidades e os atentados contra a bolsa e contra a vida e a liberdade dos cidadãos. Sim, os analfabetos recordam com horror o regimen de previlegio e de servilismo que foi a monarquia, e os vindouros aprenderão na historia os conhecimentos demonstrativos de que a monarquia tentou e cometeu os maiores crimes e os mais vergonhosos atentados contra o povo que em 1910 teve de proclamar a Republica, se não quiz continuar suportando o gladio despotico e contundente de uma casta e de uma seita.

Não é o povo que faz guerra ao novo regimen: são os residuos da corroida e vilipendiada monarquia que fizéram modo de vida das conspirações, pagas pelo vil metal da traição e alimentadas por uma imprensa hipocrita e serafica, envenenada e pestilenta, distribuida aos homens e ás creanças que eles—os monarquicos—não ensinaram a raciocinar. Unam-se todos os republicanos e verão como os monarquicos se esquecem de pensar em restaurar o perdido—o prestigio realengo. Façam os partidos republicanos com que os seus novos correligionarios propaguem e defendam os principios democraticos exarados na nossa constituição e verão que o povo se encarregará de castigar os assomos dos monarquicos e dos seus aliados—os reaccionarios.

A obra creadôra e reformadôra da Republica é já tão grande, avantaja-se tanto á obra nula, negativa e troculenta da monarquia, que por si só é o bastante, apesar dos seus defeitos de prática e assimilação, para que o povo ame o regimen existente e consolidado.

Esta crise hade passar; os ditadores serão esmagados ao pezo dos seus abusos e dos seus crimes, contra a nossa civilisação e contra o nosso bom nome; Portugal sairá desta dura prova, mais forte e mais purificado, porque os seus dirigentes vão, certamente — ninguem o duvide—pôr um ponto final nas suas mutuas vaidades e interesses partidarios, esquecendo o passado e olhando ao futuro, visto que a isso os leva a lição rude dos factos consumados. Por seu turno, o povo obrigará os que persistirem nos erros conhecidos, a entrarem na ordem, ou a afastarem-se da arêna politica.

= Mais uma vez levo ao conhecimento da autoridade superior do distrito que não pódem continuar exercendo cargos de confiança da Republica, algumas creaturas monarquicas até á raiz dos cabelos, do visinho concelho de Oliveira do Bairro. Substituam-se essas autoridades por republicanos, e faça-se uma devassa para saber quaes são aqueles que teem dado vivas subversivos da ordem.

Gomes Junior

CORRESPONDENCIAS

Pinhão, O. de Azemeis, 4

A minha alma e a deste pacato povo, daquele que religiosamente ama a Patria e a Republica, acha-se envolta num véo de tristeza, num véo dum profundo desgosto, pela perda do ilustre deputado, Henrique Cardoso, que em prol da Patria e da Republica, foi assassinado cobardemente por uma infamissima coorte de desordeiros, sem nenhum obstaculo, exerceram esse vil atentado, segundo clamaram alguns jornaes, para desbastarem aqueles que, com ardues sacrificios, sem treguas, não deixam desabar o pedestal da Republica e da Liberdade, não deixam calcar a Constituição, não deixam espicaçar as gloriosas tradições do velho e destemido Portugal.

Nós vimos protestar energicamente não só contra os bandidos como tambem contra aqueles que deviam manter a ordem com mais antecedencia visto lhe terem comunicado o que se vinha a dar.

A' cidade do Porto, que se acha coberta de crepes por aquele que ajudou a fundir as algemas da Liberdade, enviamos-lhe os mais contristados sentimentos assim como a toda a familia do inolvidavel democrata.

O. F.

Carregal, 10

Ainda se não apagou de todo a impressão de entusiasmo que nésta visinha aldeia causou a justa e moralisadora sentença proferida pelo meritissimo Juiz de Direito da comarca, absolvendo Joaquim Francisco de Souza, Joaquim José de Barros e o grande benemerito, filho da Povoa do Valado, Manuel Francisco Braz, chamados a responder por uma horda de selvagens capitaneados pelo asqueroso Manuel dos Santos Coutinho.

O *Democrata*, que tão brilhantemente se tem ocupado da chamada *questão da Povoa do Valado*, certamente ignora um facto que, por ser tipico, merece ser relatado, como subsidio para a auto-biografia que brevemente se hade fazer do mentor da chamada Junta de Paroquia désta freguezia.

Muito de carreira êle aí fica arquivado, mostrando em toda a sua simplicidade o intelecto e predicados dalma, déssa quadrilha que, por uma aberração da natureza, *usa as mãos no ar.*

Em principios de 1913 alguns cidadãos do visinho logar de Mamodeiro, vendo a necessidade da criação, naquêle logar, de uma escola para o sexo feminino, organisaram uma comissão com o fim de pedir á câmara esse melhoramento.

Feito o pedido á câmara, esta respondeu que achava muito justa a petição, mas que a não podia atender, por falta de verba.

Em vista da resposta da câmara, a mesma comissão, da qual fazia parte um atual membro da Junta de Paroquia, resolveu oferecer, gratuitamente, e por tres anos, casa para a escola, toda a mobilia e material de ensino necessario para o funcionamento da mesma, ficando tudo, com excepção da casa, findo o praso indicado, sendo propriedade da escola.

A câmara aceitou a oferta e resolveu criar a escola, exigindo da comissão um documento de responsabilidade pelo que oferecia.

Sabido isto, fez-se logo o documento que todos da comissão assinaram, até mesmo o celeberrimo membro da Junta de Paroquia.

Pouco tempo depois era necessario substituir o referido documento por outro em que os signatarios se responsabilisassem, do que ofereciam, por suas pessoas e bens.

Feito o novo documento, com a responsabilidade pedida pela câmara, todos o assinaram da melhor vontade, com excepção do tal *membro da Junta*, certamente porque já a esse tempo tinha recebido ordem dos malvados patrões para não assinar.

Mas o mais importante do caso não está em assinar ou não assinar o documento. O importante está na maneira ridicula e pulha como se negou a assinar.

—Não assino, dizia êle; não assino documentos dêsses. Pela minha palavra de honra—assino quantos documentos quizérem; mas por minha pessoa e bens não assino, porque já estou informado

Dentista

Candido Dias Soares

Cirurgião-dentista pela Escola Medica do Porto, tambem conhecido por "Candido Milheiro„ ou "sobrinho do Milheiro„

Abriu o seu consultorio permanentemente desde o dia 1 de fevereiro do corrente ano na rua dos Mercadores, n.º 8—1.º

AVEIRO

de que se eu assinar sou obrigado a cumprir.

E continu va:—Demais eu não quero saber disso para nada. As escolas só servem para sustentar gente á boa vida. As raparigas não devem saber lêr nem escrever.

Desnecessarios se tornam comentarios sobre o assunto, pois só por si êle mostra evidentemente o caracter dos homens que ainda hoje teem na mão os destinos duma freguezia, que pretende o seu progresso—moral e material, a que servem de obstaculo uns energumenos presos ao tal *regulo* Coutinho, por favores e vilêzas conseguidas á custa de um regimen, que, por imoral e corrupto, se afundou, para sempre, na gloriosa manhã de 5 de Outubro de 1910.

E' preciso, sr. Redactor, chamar para este e outros factos, a esclarecida atenção do Ex.mo Governador Civil, que, como magistrado superior désta circunscrição, póde e deve intervir no sentido de se dar remedio a um tal estado de coisas.

A Junta de Paroquia, tal como está constituida, não oferece as necessarias condições de imparcialidade que é mistér que tenha uma corporação administrativa.

A sua permanencia á frente dos negocios da freguezia, é, não só um vexame, mas tambem uma provocação aos sentimentos liberaes dum povo que necessita progredir e educar-se.

Urge, por isso, e quanto antes, fazel-a dissolver e não será preciso, decérto, fazer um grande estudo do Codigo Administrativo, para se chegar á conclusão, de que, á face da Lei e da moralidade, essa gente deve ser expropriada por utilidade publica, como é de uso fazer aos animaes daninhos.

Brevemente e sobre o assunto faremos algumas considerações mais.

C.

✠

Alquerubim, 9

Teve logar no dia 7 do corrente a festa da *Arvore*, nésta freguezia. O sr. Amador cedeu a sua boa maquina falante, que fez as delicias da rapaziada. Plantaram-se duas nogueiras, cantaram-se hinos, houve exercicios de Instrução militar preparatoria, em que tomaram parte mais de cem mancebos, etc.

Foram distribuidos figos a todas as creanças e, no fim, subiram ao ar algumas duzias de foguetes, retirando depois toda a rapaziada para suas casas, sem que houvésse a mais pequena nota discordante. As nogueiras foram oferecidas pelo sr. Manuel Maria Amador, a quem agradeço a gentileza que teve para com os alunos das escolas désta freguezia.

C.

✠

Rio Grande do Sul, 14 de Fevereiro

No dia 6 do corrente deu-se no hotel do portuguêз Custodio Marques um barbaro assassinato, do qual foi vitima Romão Hammes, e assassino, Luiz Rêgo. Eis como se passou o caso:

Romão Hammes que era o caixeiro do sr. Custodio, tinha como companheiro de trabalho o nosso amigo e conterraneo Francisco Simões Birrento. Pouco depois das 13 horas, o açougueiro Luiz Rêgo teve com Romão uma pequena altercação, chegando mesmo a vias de facto, separando-os o amigo Birrento e um freguez presente, que deligenciaram retirar o Rêgo para o seu estabelecimento.

Seriam umas 15 horas, porém, quando Luiz Rêgo de novo apareceu no hotel e, dirigindo-se a Romão apenas disse: o melhor é nós acabarmos com isto por uma vez; e, em acto continuo, sacou da faca do oficio, de que vinha munido, vibrando em Romão tamanho golpe que a morte foi instantanea. O assassino, preso em flagrante, recolheu ao 2.º posto policial.

Este é o crime do Luiz Rêgo.

Vamos agora ao crime das autoridades locaes. Luiz Rêgo, o barbaro assassino, é homem sobre quem pezam nada menos de 4 mortes. Odeiado pela propria familia, devido aos seus máus instintos, esse monstro, após 48 horas, era posto em liberdade! Onde se encontra? Só, com certeza, no estado Oriental, livre e bem livre, enquanto que Romão, na flôr da vida, pois contava 32 anos, lá se encontra no fundo duma cóva, tendo deixado dois filhinhos que clamam justiça e choram a esta hora a perda do que lhes deu o ser.

Miseria das miserias!

Pobre justiça brazileira que a todo o momento és amordaçada pelos teus derigentes!

O caso, que causou profunda indignação no povo, tem dado lugar a vários protestos, sendo já demitido do cargo de delegado de policia, o major Capaverde, unico responsavel pela soltura do criminoso. A imprensa, que tem agido com o criterio que o caso exije, tem sido alvo de grandes manifestações. E confia que as altas instancias punam sevéramente aqueles que déram origem a tamanho escandalo.

=Na sociedade *União Operaria* teve no dia 5 lugar uma récita levada a efeito por um grupo de rapazes de Requeixo, que representou o drama—*Amor louco* e a comedia—*Dois noivos sem noiva*, sendo muito aplaudidos.

=Continua a trovoada, que ha dias não nos larga, acompanhada de persistente chuva que muito prejudica a agricultura. Isto vai mál.

=Começou o Carnaval. A animação é pouca. Falta de *arame*, com certeza.

Guilherme Francisco Luizo

Anuncios

Edital

Joaquim de Melo Freitas, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra e Secretario Geral do Governo Civil do Distrito de Aveiro, servindo de Governador Civil no impedimento do respectivo.

Achando-se designado o dia 8 do proximo mez de Maio, pelas 13 horas, para a reunião da Junta de avaliação provisoria do imposto de minas, deste distrito, a fim de proceder á organisação do respectivo mapa com relação ao ano de 1914, pelo presente, convido, em conformidade com o Decreto de 30 de Setembro de 1892, os concessionarios, ou seus representantes, das minas a tributar, sitas nos concelhos de Albergaria-a-Velha, Anadia, Arouca, Castelo de Paiva, Feira, Mealhada, Oliveira de Azemeis e Sever do Vouga a comparecerem no indicado dia, pelas 13 horas, no edificio deste Governo Civil, a fim de tomarem conhecimento das deliberações da Junta e apresentarem as reclamações que tivérem por convenientes, na certeza de que os que não comparecerem ou não se fizérem representar, desistem por esse facto do direito de reclamação.

E para constar se passou o presente que será afixado nos termos do § 1.º do art.º 12 do citado Decreto e devidamente publicado.

Dado e passado no Governo Civil do distrito de Aveiro, aos 2 de Março de 1915.

Joaquim de Melo Freitas

Emprego de capital

Para partilhas, vende-se uma boa propriedade denominada Quinta do Ribeiro, situada em Verdemilho, composta de casas altas e baixas, abegoarias, pomares, terra lavradia, vessadas, praias de arroz e caniço.

Para tratar com D. Maria Eliza Souto, em Angeja, ou com seu sobrinho Antonio Souto Ratola, em Aveiro.

MULA

Vende-se uma por preço convidativo.

Nesta redacção se diz com quem se trata.

VENDE-SE uma morada de casas, com quintal, na rua de S. Sebastião, em Eixo. Quem pretender dirija-se ao sr. José Maria Soares Pereira, que dará as devidas informações.

Albino Peralta Estrela

Negociante de cobertores, queijo, castanhas, nóses e painço. Fornecedor de bacêlos americanos das melhores qualidades. Enxertos e barbádos, garantidos.

Preços sem competencia

COSTA DO VALADO

Flanellas, Riscados, Chailes, Lenços, Malhas, Cachenéz e muitos outros artigos

NÃO HA QUEM VENDA MAIS BARATO

Sociedade das Aguas da Curia

(Sociedade anonima de responsabilidade limitada)

Capital social: Esc. 200:000$00
Capital emitido: Esc. 100:000$00

SÉDE—CURIA

ASSEMBLEIA GERAL

Convido os senhores acionistas a comparecer na assembleia geral ordinária que hade efectuar-se na sala do estabelecimento termal no dia 28 de março de 1915, pelas 13 horas, sendo os assuntos a tratar:

1.º Discutir e votar o relatorio e contas da gerencia e parecer do Conselho Fi cal;

2.º Discutir e votar o regulamento interno, elaborado em harmonia com o decreto de 30 de setembro de 1892.

O balanço e todos os documentos da escrituração acham-se patentes ao exame dos senhores acionistas no escritorio da Sociedade.

Curia, 6 de março de 1915.

O Presidente da Assembleia Geral,
Albano Coutinho

Casa de emprestimo sobre penhores

=DE=

João Mendes da Costa

(FUNDADA EM 1907)

RUA DA REVOLUÇÃO, 63
E TRAVESSA DO PASSEIO, 10

(Em frente da Escola Central do sexo feminino)

AVEIRO

Nesta acreditada casa empresta-se dinheiro sobre brilhantes, ouro, prata, roupas de todas as qualidades, bicicletas, mobilias, calçado, relogios, maquinas de costura, instrumentos, louças etc.

Os juros sobre brilhantes, ouro e prata é de 5 rs. cada 1$000 ou seja 6 0/0. ao ano.

Sobre os outros artigos tambem o juro é muito reduzido. Esta casa acha-se aberta todo o dia.

PADARIA MACEDO

PRAÇA DO COMERCIO

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como pão hespanhol dôces, bijou, abiscoitado e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas.

Completo sortimento de bolacha das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz de diversas qualidades, assucar, stiarinas, vinhos finos, etc., etc.

CAFÉ, especialidade da casa, a 720 e 600 réis o kilo.

Serviço da Republica

EDITAL

Distrito de recrutamento n.º 24

REVISTA DE INSPECÇÃO

Faço saber por esta fórma ás praças das tropas territoriaes pertencentes a este distrito, domiciliadas nas paroquias do concelho de Aveiro, que devem comparecer na séde da secretaria deste distrito nos dias abaixo designados, ás 10 horas, com as respectivas cadernetas militares afim de lhes ser passada a revista de inspecção determinada no regulamento geral do serviço do exercito.

PAROQUIAS

Paroquia	Dia	Mez
Aradas	18	de Abril
Cacia	2	» Maio
Eirol	9	» »
Eixo	9	» »
Esgueira	11	» Abril
Nariz	16	» Maio
Oliveirinha	23	» »
Requeixo	16	» »
Senhora da Gloria de Aveiro	30	» »
Vera-Cruz de Aveiro	25	» Abril

As praças das tropas territoriaes que com as referidas cadernetas militares se apresentarem na secretaria deste distrito das 11 ás 14 horas, em qualquer dos 15 dias que precedem o fixado para a revista de inspecção são dispensadas de comparecerem no dia marcado.

As praças das tropas territoriaes que faltarem a esta obrigação especial, serão punidos nos termos do citado regulamento.

Quartel em Aveiro, 6 de Março de 1915.

O Chefe do D. R. n.º 24
Antonio R. Mendes Castanheira
Tenente Coronel

Grande deposito de adubos para todas as culturas

Preços correntes, a pronto pagamento:

Sulfato de amonia com 20 % de azote, saco	4$80
Nitrato de sodio com 15 % de azote »	4$60
Cloreto de potassio com 50 % de potassa »	3$80
Superfosfato de cal com 12 % »	1$00

ADUBOS COMPOSTOS

G. C., saco	1$15
V. R., »	1$25
D. C., »	1$35

A praso 5 centavos por mez em cada saco

Virgilio Souto Ratola
MAMODEIRO

Nova fabrica de telha em Aveiro

A Ceramica Aveirense

=DE=

JOÃO PEREIRA AMPOS

SITA NO CANAL DE S. ROQUE

O proprietario desta fabrica participa aos srs. mestres de obras, revendedores e ao publico em geral, que se encontra habilitado a satisfazer qualquer pedido de telha, tipo Marselha, e doutros, telhões, tijolos vermelhos e refractarios, ladrilhos, azulejos, tubos de grez, cimentos, etc., etc., e pede para que não façam as suas compras sem uma prévia visita á sua fabrica para avaliarem a qualidade dos seus produtos.

Aos srs. mestres de obras e revendedores, descontos convencionaes. Manda amostras e preços a quem os requisitar.